Transformação da paisagem em Grumari (RJ): legados socioecológicos escondidos na floresta

Isabelle Soares Pepe

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). E-mail: isabellespepe@gmail.com

A relação dicotômica entre sociedade-natureza se projeta consideravelmente sobre as florestas tropicais, que carregam o fardo de terem sido consideradas paisagens estáticas, sem história e com poucos habitantes, onde sua complexidade estrutural e funcional se deu apenas por processos naturais. Entretanto, diversos trabalhos no âmbito da História Ambiental e Ecologia Histórica vêm sendo desenvolvidos, se tornando importantes ferramentas teórico-metodológicas utilizadas para a compreensão das florestas tropicais como paisagens culturais. Nesse sentido, o presente trabalho pretende investigar: i. a transformação da paisagem de Grumari, bairro localizado no extremo sudoeste do Maciço da Pedra Branca (RJ) que possui, atualmente, a maior área de cobertura vegetal do município e ii. os legados socioecológicos encontrados na floresta, com o intuito de desvendar quais e como as interações humanas com meio físico-biológico contribuíram para a construção da paisagem florestal atual, considerada de alto valor turístico por ser uma região “selvagem” do litoral da cidade. Para isso foram usadas metodologias oriundas da geografia, história e ecologia que incluem a análise de documentos históricos com fontes primárias e secundárias extraídos de Arquivos Históricos, complementados pela identificação e sistematização de vestígios arqueológicos encontrados em trabalhos de campo, segundo a metodologia da leitura da paisagem. Por fim, utilizou-se a fitossociologia para análise do componente arbóreo ao redor dos vestígios encontrados, no sentido de compreender as resultantes ecológicas do híbrido entre a dinâmica social e natural. Os resultados demonstram que a paisagem florestal de Grumari foi habitada por populações humanas, desde os povos sambaquieiros (há 5 mil anos AP); passando por indígenas Tupinambás; colonizadores portugueses (séculos XVI-XVIII); instituições religiosas de poder; lavradores e africanos escravizados e seus descendentes - que até hoje ocupam o território - e mais atualmente, o poder público, que exerce a governança ambiental. Alguns efeitos da modificação dos ecossistemas para a sobrevivência e atividades econômicas referentes a distintos momentos históricos estão impressos na paisagem através de vestígios como sambaquis, carvoarias, ruínas, espécies exóticas, antigos caminhos, espécies ritualísticas africanas e outros elementos da cultura material que contam histórias para além da história escrita. Verificamos que depois de mais de 200 anos de intenso uso do solo para agricultura, fornecimento de energia e água, e habitações humanas, a floresta avançou sobre áreas de roças e pastos abandonados. Situação favorecida, provavelmente, pela permanência de trechos de mata entre plantios ou sítios, o que possibilitou a manutenção uma fonte de propágulos. A floresta seguiu trajetórias sucessionais únicas que expressam a história e cultura impressa na estrutura e composição da floresta. A complementaridade de fontes contribuiu com o entendimento da complexidade da paisagem e dos fatores que levaram a tal configuração atual, além de dar luz a grupos sociais sistematicamente invisibilizados que foram importantes agentes de transformação do espaço com suas práticas culturais. A reunião dessas informações e a sistematização de vestígios materiais trazem concretude à discussão sobre florestas como paisagens culturais.

492 palavras